

## A RESPOSTA DO CORAÇÃO: COMPAIXÃO E SOLIDARIEDADE

Os acontecimentos do mundo, mesmo quando superam a nossa capacidade de suportaçãõ, não devem ficar fora do nosso coração. Em vez de ficarmos amargurados, podemos aceitar o princípio que só a partir do interior do coração pode brotar uma resposta criativa. Se a resposta ficar suspensa entre o cérebro e as mãos, será sempre uma resposta superficial que não resiste diante das dificuldades da vida. Se o nosso protesto contra a guerra e as injustiças não ultrapassar o nível da reação, a luta para um mundo melhor degenerará depressa no desejo de obter resultados imediatos e a nossa generosidade esgotar-se-á nas amarguras. Só quando o protesto toca o coração, poderemos esperar uma resposta pessoal criativa e duradoira.

Muitos ativistas que operaram nos movimentos para a paz nos anos sessenta, saíram cansado e muitas vezes cínicos. Quando descobriram que a solução não dependia deles, que pouco ou nada podiam fazer e que não conseguiam resultados visíveis, ficaram esgotados, sem forças, e com os corações feridos, fechados em si mesmos e, fugindo num mundo de sonhos e de fantasias, juntar-se, ressentidos, ao lado da multidão contro a qual tinham protestado.

Muitos deles, lutaram contra as suas próprias frustrações, recorrendo à psicoterapia, à droga, ou também, ou procurando algum alívio nos novos cultos. Não podemos dizer que o protesto não tinha sentido, mas que não era bastante profundo, isto é, que não estava enraizado na solidão do coração. Quando trabalham somente a mente e as mãos não temos a força de perseverarmos, dependemos sempre dos resultados imediatos e, bem depressa desistimos. Na solidão do coração, em vez, prestamos atenção às dores do mundo, os quais não nos parecem estranhos ou desconhecidos. Percebemos que o universal é também pessoal e que, na realidade, nada do que seja humano nos é alheio. Percebemos que a cruel realidade da história é, na realidade a nossa história, abraça todo o coração humano, incluindo o nosso. O protesto

não terá efeitos quando não brota da confissão de que pertencemos a mesma condição humana. Só a partir do interior é que podemos dar a nossa resposta.

Proclamar que, como indivíduos, somos responsáveis de toda a dor humana nos poderia paralisar, mas dizer que somos simplesmente chamados a responder-lhe é uma mensagem libertadora. Porque, a partir de uma solidariedade interior com os nossos irmãos e irmãs nasce à primeira tentativa de aliviar as suas dores.

### Compaixão e solidariedade

O recolhimento do coração produz solidariedade, uma virtude que brota de um coração despedaçado que impede de nos sentirmos virtuosos e qua exclui a autojustificação. Thomas Merton, exprime muito bem esta ideia quando escreve:

Desde que Deus te chamou ao recolhimento, tudo o que tocas te conduz cada vez mais ao recolhimento. Tudo o que te tocas faz de ti um eremita, desde que não insistas em fazer o trabalho sozinho e construir o teu próprio eremitério. O que é o meu novo deserto? O seu nome é compaixão. Não existe vastidão tão terrível, tão bela, tão árida e tão fértil como a imensidade da compaixão. É o único deserto que se cobrirá de lírios. Tornar-se-á numa lagoa, germinará, desabrochará e rejubilará de alegria. É no deserto da compaixão que a terra sequiosa se transforma numa nascente de água, que o pobre tudo possui (Tomas Merton, O sinal de Jonas, p. 323).

O paradoxo da vida de Merton consiste no facto de que, o seu afastamento do mundo levou-o a um contato mais íntimo com o mundo. Quanto mais ele conseguia converter a sua solidão inquieta em sereno recolhimento do coração, tanto mais era capaz de descobrir os sofrimentos do mundo no seu centro interior e dar-lhes resposta. A sua solidariedade compassiva com o sofrimento humano, transformou-o em porta-voz de muitos que, embora desprovidos do seu talento para escrever, partilhavam o seu recolhimento. Quanto Merton fosse consciente, no seu recolhimento, das suas responsabilidades aparece claro quando ele escreve:

Que eu deveria ter nascido em 1915, contemporâneo de Auschwitz, de Hiroshima, do Vietnam e dos tumultos de Watts, são fatos sobre os quais não fui previamente consultado. Todavia, são acontecimentos nos quais, quer eu goste ou não, estou profundamente e pessoalmente envolvido. E não sem um toque de ironia, acrescenta:

Tornou-se obvio para todos, transparente, que uma «rejeição do mundo» ou o «menosprezo pelo mundo» puramente automática, não é uma escolha, mas sim a fuga perante uma escolha. A pessoa que julga poder virar as costas a Auschwitz ou ao Vietnam, e agir como se não tivessem existido, está apenas a lançar poeira nos seus próprios olhos. (Contemplação e ação, p. 161)

A compaixão que nasce do recolhimento torna-nos muito conscientes da nossa historicidade. Não somos chamados a responder a considerações gerais, mas aos factos concretos com os quais somos diariamente confrontados. A pessoa compassiva não olha para as manifestações do mal e da morte como interrupções que perturbam o seu plano de vida, mas como oportunidades para a sua própria conversão e pela conversão dos homens, seus irmãos. No decurso da história, sempre que homens e mulheres foram capazes de responder aos acontecimentos do mundo como uma oportunidade de modificarem os seus corações, abriu-se uma fonte inexaurível de generosidade e de vida nova e novos horizontes da esperança, muito para além de quanto os homens possam imaginar.

Quando pensamos nas pessoas que nos deram esperança e força em nossas vidas, talvez descobrimos que não eram, de forma nenhuma, profissionais do aconselhamento ou dos princípios morais, mas simplesmente pessoas capazes de exprimir com palavras e ações a condição humana e nos encorajaram a enfrentarmos os fatos reais da nossa existência. Foram os que não fugiram das nossas dores, mas os tocaram com compaixão. Da solidariedade misericordiosa brota a cura.

Numa sociedade que procura soluções imediatas é importante, mais do que nunca, perceber que pretender aliviar a dor sem o partilhar é como pretender salvar uma criança de uma casa em chamas sem correr o risco de ficar queimados. A solidariedade misericordiosa forma-se no recolhimento. O recolhimento, portanto, não é uma retirada, um afastamento crescente, mas, muito pelo contrário, um compromisso para com os problemas candentes do nosso tempo. É o movimento que

nos permite de encarar as interrupções como oportunidades para convertermos a nossa mente e o nosso coração. Os compromissos poderiam tornar-se fardos pesados, mas o recolhimento os transforma em vocação. Só criando um espaço interior no nosso coração se torna possível a verdadeira solidariedade humana, uma solidariedade compassiva para com todos os homens, nossos irmãos.

Henry J.M. Nouwen, *os três movimentos da vida espiritual, viagem espiritual para o homem do nosso tempo*, pp. 51-54